

# Fioravante e o vazio: o desenho como estratégia de ausência

*Fioravante and the emptiness: the drawing  
as strategy of absence*

EDUARDO FIGUEIREDO VIEIRA DA CUNHA\*

Artigo completo submetido a 24 de dezembro de 2015 e aprovado a 10 de janeiro de 2016.

\*Brasil, artista visual. Bacharelado em Desenho, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Master of Fine Arts (MFA) no Brooklyn College, City University of New York (CUNY). Doutorado em Artes e Ciências da Arte, Université de Paris-I Pantéon-Sorbonne (Paris-1).

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos, 248 Cep 90020-180 Porto Alegre Rio Grande do Sul Brasil. E-mail: ppgav@ufrgs.br

**Resumo:** O artigo trata da produção de Marcos Fioravante e a estética do abandono, isolamento e vazio. O contraste entre o branco do papel e a sobreposição de zonas sombrias no desenho, que traz um caráter tátil ao desenho, são aqui relacionadas com a tensão entre a presença (do desenho) e a ausência (do referente, a fotografia). O objetivo é refletir sobre uma possível filosofia da ausência e o desejo de transformação dos documentos de trabalho do artista em obras, e, com metodologia dialética, tratar do tempo de espera e latência da fotografia e do desenho.

**Palavras-chave:** ausência / desejo / latência.

**Abstract:** The article surveys about Marcos Fioravante's drawings, and his aesthetics of abandonment, isolation and emptiness. The contrast of the paper's whiteness and the overlaps of shadow zones brings a sense of tactility to drawing, here compared with the tension between the presence (of drawing) and absence (of the reference, the photo). The goal is to think about a possible philosophy of absence and the desire of transformation from artist's documents in drawings, with dialectical methodology to think about the time of waiting and latency of photography and drawing.

**Keywords:** absence / desire / latency.

## Introdução

Para tratarmos da ampla ideia do vazio, da falta, e da ausência como elementos de sublimação na arte, escolhemos o viés da análise das estratégias que o artista se utiliza para completá-los e superá-los através de sua poética, com um tempo de espera, de latência. Se a marca do desejo é a carência, e o tempo de espera da completude é um elemento essencial, estaremos tratando também do vazio do papel, do motivo do início, da gênese do trabalho, e seu processo temporal de preenchimento, à procura das múltiplas implicações que este trabalho nos abre como desejo. E, mais ousadamente, procuraremos explicar o trabalho artístico como a mediação de uma ausência, uma perda.

As referências e os documentos de trabalho, que acompanham uma série de desenho do brasileiro Marcos Fioravante de Moura, desenvolvidos entre 2013 e 2015 durante seu Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) já nos servem de indício para esta confrontação com a filosofia da ausência: a fonte de inspiração são imagens mecânicas, de natureza bidimensional. Mas as imagens resultantes falam de uma economia da perda. Como estímulo, buscamos entender a transformação de um olhar sintético da foto ao desenho, à procura da perfeição do detalhe, nos motivos que falam a mesma linguagem do vazio: casas abandonadas, *containers*, construções ocas e com profundas zonas de sombra. Este é o lugar do início da aventura da invenção, motivo que leva o artista à necessidade de materializações, e seus processos de preenchimento.

O transporte da imagem fotográfica inicial para o desenho é um primeiro passo, que acontece a partir de “necrópcias” da imagem: a imagem fotográfica como um véu, e o desenho desvelando e revelando esta imagem. Deste modo, o lento agregar de tempos e camadas modificam a hierarquia e a própria natureza do instantâneo fotográfico. O instante único é revertido em vários tempos agregados no desenho.

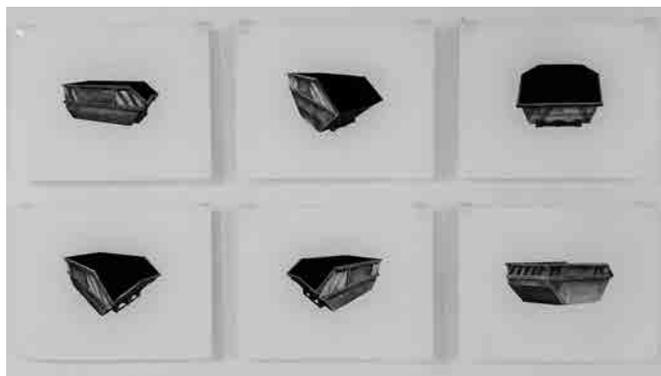
Procedimentos como este, que Fioravante utiliza em seu processo, valorizam a contenção, a ordenação, a seleção, a ocupação e a deposição. Estes atos também encontram diálogo no próprio motivo, seja pela organização e função do representado, seja pela sensação de vazio. O desenho, além de representação, revela-se como aparecimento, que nasce no interior do processo. A escolha do preto e branco, com negros de carvão ou de grafite, contribui para revelar uma imagem sombria, que se recusa a uma fácil compreensão. O vazio torna-se um intervalo, um hiato, um elemento entre fotografia e desenho, tornando-se presença que configura o espaço.

A conclusão do artigo trata do sentimento filosófico da ausência e do vazio,

localizado entre branco do papel, que não deve ser visto como um nada (Doctors, 2013), mas um espaço ativado por estes elementos. O desejo aparece como uma latência, revelado posteriormente nas zonas de sombra dos trabalhos do artista. Há uma reflexão crítica sobre o desenho, partindo do fato fotográfico ao fato gráfico, da economia da ausência à presença, da imanência à transcendência, e da falta à plenitude do desejo. Busco investigações filosóficas sobre a perda e sua recuperação em um trabalho plástico, e poéticas, sobre a percepção e seus hiatos, do estranhamento à experiência da imaginação e do sonho.

### 1. Contenção, ausência e vazio

*Containers*, recipientes vazios, isolados em meio à folha vazia do papel. Os motivos dos desenhos de Fioravante nascem da busca de referências em catálogos de imagens deste tipo de recipientes que são espalhados pela cidade, para a coleta de entulhos. Eles apontam, na poética de Fioravante, a um lugar sombrio a ser preenchido, lugar onde depositamos nossa imaginação, nossos sonhos. A fotografia faz a mediação entre o real e o desenho: é um espaço intermediário, mas é um lugar de ausência: ausência do referente (o real), fantasma, espectro. São vazios e ausências ativos (Shendel, 1996). A ausência é elemento filosófico na constituição da obra plástica e do processo de invenção do artista, e garante a dimensão metafísica da obra. Ao se colocar diante destes desenhos sobre o vazio e a ausência de um conteúdo físico e material, o espectador é transportado a uma dimensão diferente do real, e experimenta um sentimento de suspensão. Se a foto, como uma imagem de relação (Mondzain, 1995), representa uma ausência, o desenho surge como tensão entre ausência e presença. No desenho de Fioravante, encontramos a textura que preenche o espaço vazio, e traz o tacto. É como se os *containers* passassem a receber e a acumular passo a passo a matéria tátil do desenho (Figura 1): o carvão, o negro de fumo, o pastel, o grafite. Diferentes tons de preto, do negro profundo ao negro brilhante, sobrepostos, absorvendo a luz. A dimensão de aparecimento do desenho é salientada, ultrapassando a dimensão de representação da fotografia (Castello Branco, 2013). Este é um elemento rico o suficiente para provocar um enigma. Falta algo. E há uma busca pelo preenchimento deste espaço de contenção. É um hiato, e há uma latência, uma antecipação, uma expectativa. Trata-se de um elemento conceitualmente capaz de dar um novo sentido no jogo da vida e da arte, onde ausências podem ser mais intensas e vibrantes que as presenças que as acompanham.



**Figura 1** · Marcos Fioravante, *Campus, Cliver, Trintaquatro, Oito, Trinity, Duque*. Série de desenhos com pastel sobre papel, medindo cada 30 x 40 cm. 2014.  
Foto do artista.

**Figura 2** · Marcos Fioravante, *The hurt*. Desenho com pastel sobre papel medindo 30 x 40 cm., 2014.  
Foto do artista.

### 1.1 Presenças ausentes, desejos, perdas e latências

Para Mondzain, a imagem é “uma modalidade específica da presença, pela qual se manifesta toda a ausência” (Mondzain, 1995: 29). Trabalhando com paradoxos, Fioravante utiliza a fotografia como matéria-prima para seus desenhos, salientando a relação de ausência na imagem fotográfica e a presença no desenho. Embora sendo também uma imagem, o desenho tem a singularidade do tacto.

Toda a obra de arte carrega em si a possibilidade de uma perda. Perda do referente, perda do tempo, perdas infinitas e permanências infinitas (Soulages, 2007). Se a fotografia é um meio empregado como recuperação e permanência destas perdas, através do processo de revelação e latência, o processo é amplificado no desenho pela dimensão de um programa amoroso, próximo à sedução. Barthes, em *Fragments de um discurso amoroso* se refere a esta angústia da espera, “como ingrediente imprescindível para a recompensa do amor e como sublimador do sentimento amoroso” (Barthes, 1997: 25). A espera, para Barthes, é um momento rico de expectativas, onde se vivencia o luto da perda, ou a possibilidade de uma ausência. Fioravante refere-se ao trabalho em atelier como espaço mágico, que marca a experiência da criação através da manipulação de elementos que circundam e habitam o espaço do artista: documentos de trabalho em processo de espera, “testemunhos do silêncio do fazer, e identificam o percurso e as estratégias de construção e desdobramento do trabalho” (Fioravante, 2015: 69).

Fioravante fala de seus desenhos como desejos circunscritos pela ausência, que trazem a ideia de lacuna, paralisia e estranhamento, mas de “desejos de tornar uma imagem desenho” (Fioravante, 2015: 10). Ele se refere também a um “esvaziamento no sentido metafórico, fruto das relações de feitura e escolha de tais imagens, motivos, que contam com uma ideia ou sensação de ausência, abandono ou isolamento” (Fioravante, 2015:130). Podemos localizar aí o sentimento, as casas vazias, abandonadas, cheias de sombra (Figura 2). Se há esta melancolia da perda em toda a fotografia, há uma inquietação, e é o desejo que alimenta a busca pela completude, e recuperação através dos desenhos.

## 2. O desejo

A palavra desejo tem uma origem poética, pois origina-se no verbo *desiderare*, que por sua vez deriva-se do substantivo *sidus* (mais usado como o plural *side-*ra**), significando a figura formada por um conjunto de estrelas. Marilena Chauí lembra que a marca do desejo como falta, vazio, ausência e carência reaparece na *Fenomenologia do Espírito* de Hegel (Hegel, 1989) na medida em que o desejo só se efetiva pela mediação de uma perda, uma ausência. Na psicanálise, o

desejo aparece também como falta, carência, vazio. E sua relação com o tempo é fundamental quanto à espera, latência. Se o desejo envolve uma antecipação, uma expectativa, há no desejo um elemento de incitação, de espera.

Podemos localizar no desenho este tempo de prolongar, protelar a satisfação, apesar do risco. Pensemos no tempo intrínseco à escolha das referências empregadas pelo artista, como quando ele trabalha com a fotografia: A fotografia digital prescinde deste tempo de espera. Entre a imagem latente e a imagem final não há um intervalo, uma espera. Tudo acontece conseqüentemente. A latência aqui acontece no atelier do artista, no lento movimento das escolhas. Já a fotografia química possuía este tempo de espera, de antecipação, “um intervalo angustiante entre o clique e a imagem consumada” (Fontcuberta, 2014:45). Como uma semente plantada no vazio da fotografia, a imagem latente revela-se no desenho, como uma memória esquecida, promessa antes escondida, lugar dos desejos do artista. Como em uma paixão, a imagem do desenho submete o artista a uma espera que passa pelas escolhas, pelo risco, e posteriormente pelo prazer, em um tempo de sedução, e de consumação do trabalho final.

Fioravante se refere ao flerte com a sombra, e ao mistério da separação e do abandono, com sua origem mítica onde a sombra circunscrevia uma ausência anunciada, uma perda iminente. Plínio, o Velho, descreve a história do nascimento da pintura pelas sombras: uma jovem chamada Dibutade teria se apaixonado por um soldado que estava prestes a partir para a guerra. Ela convidou, então, o apaixonado, a comparecer ao atelier de seu pai, que era um oleiro, e o desenhou, circunscrevendo a sombra do jovem projetada na parede. A partir do desenho, a moça pediu a seu pai para que ele executasse a obra.

O fato de o nascimento da pintura e da representação artística ocidental ter nascido nas sombras, em negativo, tem uma importância indiscutível. Quando a pintura nasceu, ela já fazia parte da dialética presença/ausência: presença da pintura, ausência do corpo. Ausência do corpo, presença da sombra, ou sua projeção. Uma espécie de ausência anunciada, que se completa com o desejo.

### **Conclusão**

O trabalho do artista é um risco: estamos sempre arriscados à perda contínua. Fracassos possíveis, ruínas iminentes, tensão entre expectativas e possibilidades. O risco do desenho de Fioravante traz esta marca do insaciável, do vazio que precisa ser completado, na arriscada tarefa de experimentar. Se imaginar é construir ideias com imagens, seja pela câmara em relação às outras coisas, o desenho é a marca da transformação: ora afirmando, ora negando a imagem original da fotografia. Nascido de uma perda, representada pela foto, o trabalho

do artista é o desejo da busca desta perda, deste vazio e destas sombras, desta ausência que não cessa de estar presente na materialidade do desenho. O desejo aqui não é a necessidade ou apetite, algo dirigido ao tempo presente, à satisfação imediata, mas manifesta-se em latência, na construção lenta de traços do desenho. Na ritualização da espera, o desenho de Fioravante cria-se em uma rede monopigmentária muito sutil, que gera infinidade de reflexos. Do reflexo à reflexão, o desejo no desenho constrói-se em temporariedades, revelando todas as inflexões da latência, e da economia da ausência, da perda, e a possibilidade de sua sublimação através da arte.

### Referências

- Barthes, Roland (1997). *Fragmentos de um discurso amoroso*. São Paulo: Google Books. ISBN 8533617895
- Chauí, Marilena (1994) *Laços do Desejo*. São Paulo: Companhia das Letras. ISBN: 9788535918304.
- Castello Branco, Patricia (2013) *Imagem, corpo, tecnologia: a função háptica das imagens tecnológicas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. ISSN: 9789899821507.
- Doctors, Marcio (2013) *Nocturno: Projeto respiração*. SP; Fundação Eva Klabin.
- Fioravante, Marcos (2015) *Quando a imagem recai sobre si mesma*. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais.
- Fontcuberta, Joan (2014). *A Câmara de Pandora*. Madrid: Gustavo Gilli. ISBN: 8571107017.
- Hegel, Georg (2013) *A Fenomenologia do espírito*. São Paulo: Jorge Zahar. ISBN: 8571107017.
- Mondzain, Marie-José (1997). *L'Image Naturelle*. Paris: Le Nouveau Commerce. ISBN 2855410789.
- Shendel, Mira (1996). *No vazio do mundo*. São Paulo: Marca D'agua. ISBN: 8585118237.
- Soulages, François (2007). *A estética da fotografia*. São Paulo: Senac. ISBN 9788573599169.